

**GT 05 – PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS DE EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA E DE
FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS DE LÍNGUAS**

**EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA E INGLÊS PARA CRIANÇAS: Criatividade e lúdico no ensino
de inglês**

Eloisa Terezinha Teles Curado¹ - UEG
Barbra Sabota² - UEG

Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

Neste estudo discutimos, a partir de uma vivência com um grupo de sete alunas de 9-11 anos, o uso de recursos didáticos que exploram a ludicidade durante mediações em aulas de inglês como língua adicional. Por ser o primeiro contato das alunas com o idioma e pelo fato de as aulas serem no contraturno, optamos por materiais que as deixassem livres para experimentar a língua e falar sobre suas experiências cotidianas. Percebemos que tais temas conseguem fazer emergir entre as alunas o interesse e o engajamento por aprender e compartilhar sobre o tema estudado. Relatamos aqui, portanto, algumas das experiências vividas durante um voluntariado em uma escola na cidade de Abadiânia, Goiás, no primeiro semestre de 2019 em encontros semanais de 1h15min. Embasam teoricamente este estudo a aprendizagem por meio de vivências que despertam o interesse das crianças em se expressar, o uso do lúdico em aulas de inglês para crianças, sobretudo no que tange à consideração de sua relevância para o desenvolvimento social das aprendizes (VYGOTSKY, 1998). São discutidos também aspectos da formação docente, problematizando as contribuições da vivência neste período em que se aprende a ensinar. Sabota (2008) destaca que é relevante tratar das expectativas dos professores em formação universitária em relação ao contexto que encontram nas escolas e das teorias que estudam para que o encontro com a docência traga descobertas significativas para os sujeitos envolvidos no processo.

Palavras-chave: Criatividade. Lúdico. Língua adicional. Inglês. Crianças.

¹ Acadêmica do 6º período de Letras Português – Inglês pela Universidade Estadual de Goiás Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas. E-mail: eloisatelescurado@hotmail.com

² Graduada em Letras Português – Inglês pela Universidade Federal de Goiás. Mestre e doutora em Letras e linguística pela Faculdade de Letras da UFG. Pós doutora em Linguística Aplicada pela UnB. Professora e pesquisadora no curso de Letras e no programa de pós graduação Stricto Sensu em Educação Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás - Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas. E-mail: barbrasabota@gmail.com

INTRODUÇÃO

Um ato tão simples e, no entanto, tão celebrado por crianças: brincar! A brincadeira pode ser a porta de entrada para um mundo de descobertas e aprendizagem em espaços intra e extra escolares. Um modo de repensar e se apropriar da realidade vivenciada. Apresentamos neste estudo nosso olhar sobre atividades didáticas lúdicas desenvolvidas com crianças de 9 a 11 anos em uma escola confessional na cidade de Abadiânia – Goiás. Durante as mediações das atividades foi possível perceber que além das descobertas do inglês, as crianças refletiram sobre seus hábitos e sua comunidade tornando a aula de inglês um evento de letramento, como discutimos aqui. Damos início ao texto apresentando o contexto em que as atividades foram realizadas e, na sequência, discorreremos sobre as vivências e aprendizagens. Finalizamos com o que consideramos contribuições do estudo e as considerações transitórias sobre o tema.

CONHECENDO O CONTEXTO

A Escola Ana Maria Rivier é uma instituição educacional confessional filantrópica católica mantida pela Associação Madre Maria Rivier situada na cidade de Abadiânia- GO. A escola atende crianças em situação de vulnerabilidade social. Para atender à comunidade carente sem fins lucrativos a escola conta com uma pequena ajuda do município. No entanto, a maior parte dos custos da escola é mantida pela Congregação, além de contar com a colaboração de doadores, que ajudam em dinheiro, materiais e serviços. A escola funciona em período integral, sendo que no período matutino ocorrem as aulas regulares, listadas na matriz curricular, e no vespertino há uma flexibilidade de atividades diversas o que oportuniza às crianças aprofundamentos e expansões em seus *habitus* interpretativos (MONTE MOR, 2018). Assim, no contraturno são disponibilizadas às crianças aulas de artesanato, teatro, futebol, karatê, coral, computação, reforço escolar, vivência religiosa e brincadeiras dirigidas. Ministradas por professores contratados e voluntários. A participação nas atividades do vespertino ocorre por adesão. Assim, uma das autoras fez a proposta de inserir inglês dentre as opções e foi auxiliada pela segunda autora na concepção das atividades e na reflexão sobre elas, o que resultou na escrita conjunta deste texto.

Tivemos a oportunidade de trabalhar com sete meninas, entre 9 e 11 anos, durante o primeiro semestre de 2019, em encontros semanais de 1h15minutos. Como a escola tem como público alvo crianças de baixa renda, muitas delas não têm condições de comprar o próprio material. Assim, para que participem das aulas e atividades recorre-se a doações. Para as aulas de inglês, recebemos cadernos

de uma colaboradora e, para despertar ainda mais interesse das alunas, esse material foi personalizado para as meninas pela primeira autora deste texto. Percebemos que o cuidado com a oferta e o preparo do material foi recebido pelas alunas como um gesto de carinho e respeito pelo modo como elas cuidaram de seus cadernos durante o semestre. Educar é um ato de troca, interação, afeto, pois tocamos uns aos outros em nossas mediações, em nossas aulas (ALVES, 2009). Como atos se tornam exemplos a serem seguidos, o cuidado da professora pode ter inspirado o cuidado das alunas ao longo do semestre haja vista que elas zelaram do que receberam até a última aula.

Para elaborar as aulas, pensamos em atividades que pertencessem ao cotidiano das meninas e que tivesse uma relação próxima com elas, afinal, este seria o primeiro contato oficial delas com o inglês e queríamos deixar uma boa impressão. Lima (2011) traz em seu livro diversos relatos de aprendizagem de inglês que narram como a relação com a professora e a língua marcam as vidas de aprendizes e esta, portanto, foi uma preocupação relevante. Na escolha de conteúdos priorizamos aqueles que nos permitissem explorar o lúdico e o contexto próximo a elas, para este texto escolhemos problematizar os temas família e roupas, como discutimos a seguir.

VIVÊNCIAS REFLETIDAS

O conceito de vivência, no âmbito da formação de professores, tem sido discutido por Silvestre, Sabota e Pereira (prelo) como a oportunidade de compartilhar momentos formadores na escola durante o período de estágio supervisionado. Ao discorrer sobre o termo, as autoras e o autor ressaltam que a vivência amplia a compreensão que professores em formação têm do processo enquanto o experimentam, de tal modo que eles não apenas aprendem sobre a docência, mas a vivem intensamente com seus desafios e recompensas. Estar na escola e pensar sobre esta experiência a partir do que foi sentido nela amplia a capacidade de agência e de reflexão de formadores e professores em formação, como ocorreu conosco neste evento. Portanto, este texto, além de fruto desta reflexão é também um convite para que mais pessoas se inspirem e se engajem em práticas formadoras vivenciais como esta.

Como dito anteriormente, este foi o primeiro contato escolar das garotas com o idioma. Desejamos que o contato se desse a partir de uma construção de visão de mundo diferente, como mencionam Jordão e Fogaça (2007). Afinal, não seria viável expor elementos *gramaticais* como ponto de partida, pois isso poderia causar o distanciamento da língua como construção de sentidos *no* e *pelo* discurso. Objetivamos mostrar para as crianças que o inglês não é uma língua artificial, mas sim encontros e descobertas entre culturas, identidades, mundos... mas queríamos também que elas se

sentissem envolvidas com as aulas, por isso apelamos para o lúdico. Para Dallabona e Mendes (2004), brincar e aprender são termos sinônimos, pois a brincadeira produz um espaço para pensar e a seu modo recriar o conteúdo sendo mediado. Este ato pode favorecer o desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e cognitivas (VYGOTSKY, 1998). Segundo o pesquisador, por meio da brincadeira a criança externa o modo como compreende e se apropria do mundo, por isso é fundamental para seu desenvolvimento interpessoal. Segundo Gomes (2010), atividades lúdicas permitem agregar valores éticos, favorece o desenvolvimento cultural e social, além da apropriação de novos saberes. Além de jogos e brincadeiras estão entre as atividades lúdicas que favorecem o engajamento intersubjetivo a contação de histórias. Percebemos, ao discutir sobre as aulas, que nos momentos em que havia diálogo entre a professora e as alunas com a valorização de suas experiências pessoais havia maior engajamento nas atividades propostas, como também observado por Silvestre (2017). Sendo assim, para tratar do tema roupas (*Clothes*), planejamos para o início da aula uma história inventada sobre dois irmãos,

Cecília e Pablo, que moravam em cidades diferentes, mas, como as férias haviam chegado, eles tinham ido visitar a avó na fazenda. Para que conseguissem chegar ao destino eles precisariam se encontrar no aeroporto e depois seguiriam de taxi, porém, nesse intervalo, um grande imprevisto aconteceu, as malas foram extraviadas. No entanto, nem tudo estava perdido, os irmãos passaram em um brechó para adquirirem algumas peças de roupas. (diário de campo da pesquisadora – planejamento da aula – recuperado)

Decidimos³ introduzir a aula com esse acontecimento pelo fato de que muitas vezes algumas alunas mencionaram que vão para a fazenda ficar alguns dias com um parente, e, assim, chegam à escola entusiasmadas para contar o que foi vivido naquele local. Esta era, portanto, uma tentativa de aproximar a aula das experiências de mundo delas. Para incitá-las a imaginar outros espaços, decidimos por promover o suposto encontro dos irmãos em um aeroporto e não em uma rodoviária, local mais frequentado por elas. Fazia parte de nossas intenções perceber como elas reagiriam ao imprevisto (perda da mala) e à solução (compra em um brechó).

Podemos afirmar que a história despertou o interesse e a atenção das meninas, mas também que ela gerou um importante evento de letramento vivido por uma das autoras e suas alunas. Primeiramente, elas não sabiam o que era um brechó, e essa nova informação as levou a uma empolgação inesperada. Diante disso, uma estudante mencionou que a mãe dela doava as roupas que

³ Embora as aulas tenham sido ministradas pela primeira autora, optamos por manter a 1ª pessoa do plural ao longo do texto para permitir fluidez na leitura.

já não eram usadas para uma das suas colegas, que estava presente na sala. Um leve constrangimento foi percebido e uma tomada de decisão por parte da professora era importante. Tratar como corriqueiro foi a solução. Como professoras, buscamos ressaltar que este é um gesto bem comum entre amigas e que todas passamos por situações assim. Rapidamente, direcionamos a questão ao grupo para ver se mais alguém também recebia ou doava roupas e o assunto deixou de ser um tabu. Hoje, ao refletir sobre o que poderia ter feito, sabemos que seria bom aproveitar para aprofundar esta discussão e talvez até sugerir um bazar de trocas na escola como desdobramento. No entanto, certas ideias só nos ocorrem depois de termos vivido a experiência, daí a relevância da reflexão após a ação para professores em formação universitária (SABOTA, 2008).

Na sequência, fixamos na parede uma ilustração das personagens e, ao lado, algumas peças de roupas soltas, feitas de papel sulfite. Após a apresentação de cada peça de roupa em inglês ela era fixada em bonecos de papel. Em seguida, distribuimos um cartão com os irmãos desenhados e oferecemos conjuntos de vestimentas para que as alunas colocassem no par de bonecos. A princípio, fizemos um ditado: a professora falava que peça colocar e as alunas aplicavam. Depois elas puderam brincar e colocar as roupas que quisessem. Finalizando a atividade, elas apresentavam seu par de bonecos e contavam uma breve história sobre a vida deles, um lugar que gostariam de viajar, entre outros aspectos. As histórias relatadas pelas meninas citavam locais como Paris e até mesmo uma pequena cidade vizinha. Ao final da aula, pudemos perceber que as alunas gostaram da maneira que o conteúdo foi trabalhado. Além disso, notamos o encantamento delas ao receberem esse material, que permitiu o contato com o universo ficcional, contribuindo para a fluidez no processo de aprendizagem de língua inglesa.

Outra atividade que gerou um importante evento de letramento para alunas e professoras ocorreu durante a aula sobre família (*Family*). A aula foi, novamente, iniciada com uma narrativa inventada e mais um fato inusitado aconteceu. Como as crianças já haviam conhecido as personagens criadas para a história de Cecília e Pablo, imaginamos que seria interessante mencioná-los mais uma vez para discorrer sobre novos aspectos da vida deles, mas algo nos surpreendeu. Antes mesmo de começar, as meninas avistaram uma figura da Cecília e do Pablo em cima da mesa da professora, e comentaram que estavam cansadas de ouvir sobre eles. Foi um choque perceber aquela reação delas,

Figura 1 – Material elaborado para uso em aulas de inglês



Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras.

fomos pegas de surpresa. Mais uma oportunidade de formação *in loco*. Como a proposta não era de enfrentamento, mas de buscar construir um ambiente favorável à aprendizagem não poderíamos trabalhar com algo a revelia da vontade e interesse delas. Além disso, foi um pouco frustrante perceber que o plano de aulas havia desmoronado aos nossos olhos. Ainda bem que vemos o plano como algo flexível e mutável, um percurso delineado para sustentar as atividades e organizar os objetivos de ensino (SABOTA, 2017) ou poderia ter sido ainda mais desconcertante. Imediatamente pensamos em trocar os personagens e seguir com a contação de estórias. Assim, apresentamos uma família de quatro pessoas, composta por um casal e dois filhos e citamos aspectos das rotinas dessas personagens para apresentar algumas estruturas linguísticas planejadas para esta aula. Os imprevistos nos forçaram a agir fora de nossa zona de conforto. Apesar de ter sido um episódio desagradável, a experiência nos ensinou que é importante variar os modos de apresentar conteúdo, pois a repetição de uma estratégia pode não funcionar todas as vezes. Por vezes, professores em formação têm de se confrontar com suas expectativas e o modo como são apoiados nos enfrentamentos faz a diferença em relação ao modo como lidam com as confirmações e, sobretudo com as frustrações delas (SABOTA, 2008). Como professora em formação universitária, esses acontecimentos tiveram bastante influência nesse processo de construção profissional, e nos levaram a reflexão sobre como é importante saber lidar com situações inesperadas dentro da sala de aula sem expor nenhuma das alunas e nem mesmo leva-las a situações de constrangimento ou censuras. Cabe ressaltar ainda que as alunas só tiveram a iniciativa de dizer como se sentiam sobre a aula e o material porque um ambiente de confiança havia sido estabelecido entre nós. A relação hierarquizada que distancia professor e alunos não era percebida nesta aula, ao contrário, havia a sensação de todas nós podíamos interagir com equidade naquele momento, graças à construção dos espaços de fala e ao modo que escolhemos desenvolver nossa práxis, de modo não hierárquico (SILVESTRE, 2017). Naquele espaço de vivências podíamos ser nós mesmas, mesmo que isso implicasse revelar para a professora que não queriam ouvir mais uma estória dos personagens que já conheciam. Aprendemos todas, mais uma vez.

Ainda havia uma atividade diferente sobre família planejada para esta aula, desta vez uma brincadeira a qual denominamos *Vale Secreto*. Na brincadeira, esse vale era onde as personagens citadas moravam, assim, as alunas deveriam chamar os membros dessa família, e isso só seria possível se elas levantassem uma das seis placas que haviam sido distribuídas, com os nomes *mother, father, sister, brother, son e daughter*, de acordo com o que era escrito no quadro em português, isto é, quando a palavra mãe era apresentada a ficha correspondente em inglês deveria ser levantada. Ainda, as placas somente seriam expostas se o ambiente estivesse em silêncio absoluto, por se tratar de um local secreto.

Sendo assim, devido à exigência do silêncio tínhamos não ter os resultados esperados, pois, ainda que em uma turma de poucas alunas, manter a ausência de barulho é um desafio. Mas, as meninas se envolveram na atividade e realmente imaginaram estarem presentes no espaço proposto. Era um silêncio diferente, um silêncio provocado pela curiosidade daqueles que enchem a sala de sentidos ao invés de apagar sujeitos.

Finalizando a aula, confeccionamos um cartaz da árvore genealógica da família, não

Figura 2 – Cartaz produzido pelas alunas durante as aulas



Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras.

direcionando os vínculos a uma personagem em específico, sendo que as relações de parentesco foram atribuídas no momento da colagem das imagens. Cada aluna ficou responsável em escrever o nome em inglês de um membro da família, e, juntas, comentamos sobre eles e colamos nos devidos lugares. Depois, o fixamos na parede para que todos pudessem apreciá-lo. Na semana seguinte, as meninas comentaram que os outros colegas da classe perguntavam o que aquelas palavras queriam dizer e elas sabiam respondê-los. É gratificante perceber como as aulas de inglês ministradas neste contexto favoreceu o aumento da autoestima dessas aprendizes. Foi possível perceber que elas haviam descoberto um mundo novo, e a cada nova conquista abria-se espaço para as outras que ainda estavam

por vir. Ao revisitar estas atividades, percebemos que poderíamos ter convidado as alunas a discutir mais sobre modelos de famílias, outras brincadeiras e atividades nos vêm a mente, o que apenas ratifica a importância da criatividade docente na proposição de planos de aula. Contudo, algo que aprendemos com a vivência e que certamente levamos para a vida toda é o quanto é pertinente manter uma escuta sensível (MONTE MOR, 2018) ativa durante as aulas para que as emoções e impressões possam ser compartilhadas e para que não silenciemos nossos aprendizes ao longo de nossas vidas profissionais. Trabalhar com os temas vivenciais foi uma importante oportunidade de formação e letramento para professoras e alunas vivendo e repensando estes momentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atitudes do professor influenciam na abertura de um campo de construção de significados e questionamentos para os alunos (JORDÃO e FOGAÇA, 2007). Sendo assim, acreditamos que ter trabalhado com uma língua adicional de forma mais fluida e menos hierarquizada permitiu à professora regente e às alunas perceberem que o inglês vai além da tradução de termos e a aprendizagem de regras. Para as alunas que participaram dessa vivência, a aula de inglês era um momento de confidências, sinceridade, abertura, escuta, participação ativa, brincadeiras e, claro, de aprendizagem em seu melhor sentido, do tipo de aprendizagem que nos impulsiona a refletir sobre novas possibilidades, exercício da imaginação e expansão de nossas fronteiras *interpretativas*. Nem tudo ocorreu como planejado, felizmente. Pois pudemos aprender com as vivências a lidar com o inesperado com o imprevisto, como gerar soluções criativas diante de intempéries.

Como professora em formação universitária, há um certo orgulho em não ter cedido ao tradicional e silenciado aquelas meninas. A vivência na escola permitiu que percebêssemos a formação docente como uma construção processual. Aprendemos sobre coisas (postura, flexibilidade, gerenciamento de classe e crises) que talvez não estivessem nos livros ou que ainda que estivessem, não nos despertasse tanta atenção durante a leitura. No entanto, viver esses momentos com as alunas nos enriqueceu e nos encantou.

Como professora formadora foi satisfatório poder proporcionar momentos de reflexão sobre a prática, ainda que pensamos poder ter alcançado mais êxito com um acompanhamento em todas as etapas do preparo para a docência. Contudo, mais que indicar textos e sugerir ações o papel de formadora se revela nos detalhes: chamar a atenção para algum aspecto até então negligenciado, escuta de confidências sobre planos e frustrações, além da oferta de um ombro amigo para quando as coisas parecem fugir *dos trilhos*.

Há muita beleza e aprendizagem no inesperado, mas é preciso saber perceber como as coisas são e não como gostaríamos que fossem. É preciso ampliar nossos horizontes interpretativos e aguçar nossos ouvidos para a escuta atenta do que os sons e silêncios da sala de aula. Por ora, fica a alegria de ver uma nova professora se reconhecendo dentro das perspectivas críticas com um olhar tão sensível para essas crianças em busca de sonhos e melhores oportunidades de vida. O brilho afetou o olhar de todas nós durante a realização deste estudo. Esperamos que contágie também o seu olhar, queridxs leitores!

REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria Dolores Fortes. **Favorecendo a inclusão pelos caminhos do coração: complexidade, pensamento eco-sistêmico e transdisciplinaridade.** Rio de Janeiro: WAK, 2009.
- DALLABONA, Sandra Regina; MENDES, Sueli Maria Schmitt. O lúdico na educação infantil: jogar, brincar, uma forma de educar. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG.** v.1, n.4, 2004
- GOMES, Bruno **A importância do brincar no desenvolvimento da criança.** Cadernos de Educação de Infância, 45- 46, 2010.
- JORDÃO, Clarissa; FOGAÇA, Francisco Carlos. **Ensino de inglês, letramento crítico e cidadania: Um triângulo amoroso bem-sucedido.** Disponível em: < [http:// e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/906/770](http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/906/770) > acesso em: 11 set. 2019.
- LIMA, Diógenes C.de (Org.). **Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares.** São Paulo: Parábola, 2011.
- MONTE MOR, Walkyria. M. Letramentos críticos e expansão de perspectivas: diálogo sobre práticas. In: JORDÃO, C. M.; MARTINEZ, J. Z.; MONTE MOR, Walkyria. (Org.). **Letramentos em Prática na Formação Inicial de Professores de Inglês.** 1ed.Campinas, SP: Pontes Editores, 2018, v. 1, p. 315-335.
- SABOTA, Barbra. **Estágio supervisionado de LE: um estudo de caso sobre a formação universitária de professores de inglês na UFG.** 2008. Tese (Doutorado em Letras e Linguística: Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.
- SABOTA, Barbra . Leitura e compreensão textual. In: FIGUEIREDO, F. J. Q de (org.). **Formação de professores de língua estrangeira: princípios e práticas.** 2 ed. Goiânia, Editora da UFG, 2017. p. 125- 150.
- SILVESTRE, Viviane P. V. **Colaboração e crítica na formação de professores/as de línguas: teorizações construídas em uma experiência com o Pibid.** 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017. 289 p.
- VYGOTSKY, Lev. S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.